

# Dialogando sobre o processo de ensino e aprendizagem de atividades e recursos terapêuticos

Dialoguing about the process of teaching and learning of therapeutic activity and resources

**Isabella Silva de Almeida**- aluna do curso de terapia ocupacional da Universidade Federal de São Carlos

**Teresa Cristina Brito Ruas**- aluna do curso de terapia ocupacional da Universidade Federal de São Carlos

**Adriana Sparenberg de Oliveira**- docente do curso de terapia ocupacional da Universidade Federal de São Carlos.

**Lucy Tomoko Akashi**- docente do curso de terapia ocupacional da Universidade Federal de São Carlos

## RESUMO

Este trabalho apresenta uma proposta de ensino para a disciplina Atividades e Recursos Terapêuticos 1, a qual propõe aos alunos a vivência de atividades, materiais e técnicas, propiciando a criatividade e a leitura da atividade terapêutica ocupacional. A metodologia de ensino utilizada nesta disciplina visou capacitar o aluno a distinguir as diversas formas de aplicação e utilização da atividade. Cada aula prática era composta por três etapas. Na primeira etapa os alunos exploravam e experimentavam um determinado material, e vivenciavam técnicas, facilitando a criatividade. Na segunda, acrescentava-se um olhar terapêutico ocupacional, o que significava pensar e achar formas alternativas para o uso do mesmo material e das técnicas com diversas populações e necessidades. Na terceira, discutia-se e refletia-se sobre as etapas anteriores, buscando significados importantes da ação do indivíduo, reconhecendo o potencial terapêutico da atividade e da técnica. Esta metodologia permitiu-nos trabalhar com a tríade: terapeuta-paciente-atividade; pois eram evidenciados elementos importantes dos aspectos do eu, do outro e da atividade; que explicitavam sempre as formas e os significados da ação dos participantes.

**Palavras-chave:** terapia ocupacional, atividade, ensino-aprendizagem, metodologia, recurso terapêutico.

## ABSTRACT

This paper intends to present a teaching model for Therapeutic Activity and Resource I course, which proposes that students experience activity by perceiving materials and techniques, thus stimulating creativity and understanding the occupational therapeutic activity. The teachines

methodology used in this subject focused on enabling the student to distinguish the different forms of application and utilization of the activity. Each class consisted of three stages. During the first stage of the class some materials and techniques were widely experienced by the students. In the second, an occupational therapeutic approach was added, which meant thinking about and finding alternatives for the use of these materials and techniques. In the third one, the two previous parts were discussed and thought over, looking for the most important meanings about individual actions, thus recognizing the therapeutic potential of both activity and technique. This methodology enabled us to work with the triad: therapist-patient-activity; since important elements concerning the self, the other and the report about activity were shown, which always made the forms and meaning of the participants actions explicit.

**Keywords:** occupational therapy, activity, teaching learning, methodology, therapeutic resource.

## INTRODUÇÃO

Este é um diálogo que surgiu a partir da experiência de uma proposta de ensino e aprendizagem na disciplina Atividade e Recursos Terapêuticos 1, do Curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), no segundo semestre de 2000.

O objetivo deste trabalho é compartilhar com outros grupos de docentes e alunos, o diálogo, as discussões e reflexões entre duas alunas e duas docentes que vivenciaram essa experiência. E também apresentar os resultados de um modelo de ensino da atividade terapêutica ocupacional que buscou facilitar o caminho para disciplinas como Análise e Aplicação Terapêutica da Atividade e subsidiar as disciplinas Terapia Ocupacional Aplicada ao Adulto e Velhice 1 e 2 e à Infância e Adolescência 1 e 2, onde há intervenção e atuação prática de terapia ocupacional, com diferentes populações e faixas etárias.

### Duas Docentes

A disciplina Atividades e Recursos Terapêuticos 1 (ART1), de seis créditos (ou seis horas semanais), sendo dois teóricos e quatro práticos, é oferecida aos alunos de Terapia Ocupacional no segundo semestre do primeiro ano de graduação na UFSCar, tendo como proposta de ensino a

vivência de diferentes atividades plásticas, práticas de oficinas, tarefas criativas, propiciando situações nas quais os alunos possam experimentar o material e alguns tipos de técnicas.

A ementa da disciplina está dividida em: 1) atividades plásticas de atelier; desenho e pintura; colagem e montagem; cartonagem; fotografia; 2) atividades plásticas em oficina: tecelagem e tapeçaria; modelagem; marcenaria; cutelaria; 3) atividades criativas: questionamento social da auto-imagem, do conhecimento. Um dos objetivos desta disciplina, de acordo com sua ficha de caracterização, é introduzir e desenvolver a linguagem artística do aluno pela sensibilização, observação e vivência do processo dinâmico de atividades, proporcionando o autoconhecimento e o conhecimento do outro mediante a linguagem artística.

A partir do ano de 2000, nós duas, entendemos que nosso objetivo é introduzir e desenvolver a “linguagem da atividade”, ou seja, a leitura da ação humana, através da sensibilização, vivência, observação e reflexão sobre o processo do fazer.

Antes mesmo de promover o conhecimento de técnicas das artes plásticas e artesanais, nosso objetivo enquanto professoras de futuros terapeutas ocupacionais é promover

o conhecimento de técnicas de atividades terapêuticas ocupacionais.

Para atingirmos este propósito nós docentes optamos a partir deste mesmo ano, por uma estratégia de ensino diferente. Ao invés de eleger atividades/técnicas, selecionamos materiais como: fios, massa (argila, massa de modelar, gesso, massa de farinha de trigo, biscuit), couro, sucata, metal, palito de sorvete, madeira, papel (reciclado, machê, colagem), tecido, tinta.

Entendemos que cada tipo de material por si mesmo solicita uma determinada técnica, instrumentos, ferramentas e equipamentos necessários para seu manuseio e o fazer de uma atividade. E de acordo com PAGANIZZI (1997, p. 47)<sup>3</sup>, cada material tem possibilidades, limitações e funções peculiares; e, na realização de atividades, estas características determinam as possibilidades do material para ser relacionado consigo mesmo e com outros materiais. Assim os materiais oferecem inumeráveis, mas não infinitas qualidades (características), podendo ser flexível, reciclável, transformável, destrutível, entre outras. PAGANIZZI (1991, p.62)<sup>4</sup> coloca também que a atividade tem uma linguagem particular do inanimado. Esta não é intencional, acontece, não está dirigida especificamente ao outro, é parte de sua natureza ou da forma como se modifica na própria natureza. Para identificar esta linguagem da atividade a autora parte do óbvio. Ou seja, a madeira pode ser cortada (modificada) por um serrote, e dada sua consistência não pode sê-lo por uma tesoura.

Com esse raciocínio, PAGANIZZI (1991, p.62)<sup>4</sup> analisa a relação do sujeito com a atividade em madeira. Este material, com características próprias de dureza e resistência, propõe à pessoa a utilização de uma certa força para que haja uma relação entre os dois. Assim, se o sujeito deseja cortar a madeira, ele deverá aceitar esta proposta, utilizando uma determinada força, ferramentas e

equipamentos que poderão estabelecer uma espécie de diálogo dureza-força.

Com essa abordagem sobre a atividade pudemos conduzir nossa proposta de ensino, e assim estimular e facilitar o processo de experimentação e criação dos alunos. Portanto, ao invés de orientar a todos os alunos que fizessem uma determinada atividade, que provavelmente iriam diferir em cores, tamanhos ou acabamentos; com este novo encaminhamento objetivávamos, em um primeiro momento, a livre exploração do material, sentindo-o e relacionando-se com ele.

Cabe aqui ressaltar que nós docentes já havíamos partilhado a docência das disciplinas Terapia Ocupacional Aplicada ao Adulto e Velhice 1 e 2, em outros semestres e que sentíamos nos alunos, nesta etapa de aprendizagem, a lacuna de um olhar terapêutico mais reflexivo sobre a atividade. Embora com capacitação em áreas diferentes sempre partilhamos um olhar muito semelhante para o paciente e para a atividade terapêutica. Assim acreditamos ser necessário responder algumas questões que determinam fatores importantes ao se propor uma atividade tais como: quem é o paciente, qual é o objetivo da terapia e, assim, fazer uma leitura da ação humana, a partir de seu macrocosmo, permeado por aspectos sociais da humanidade, e do fazer, relacionado ao momento individual, a um microcosmo.

Portanto, ao tentarmos compreender o outro, observando suas ações, muitas vezes carregadas de valores culturais e sociais, é necessário antes, buscar o significado de seu comportamento particular, considerando-o sobre o pano de fundo de vivências individuais, as quais abrangem o significado dos sentimentos, os aspectos valorativo e coletivo característicos de cada cultura.

Embasadas em toda essa observação, as mudanças na estratégia da disciplina consistiram em uma metodologia

que visou instrumentalizar o aluno a distinguir as diversas formas de aplicação e utilização das atividades plástica, artesanal, terapêutica e diagnóstica. Ou seja, antes a disciplina apresentava diversas técnicas de atividades plásticas e artesanais, enquanto técnicas de atividade; agora se propõe menor quantidade de técnicas de atividades plástica e artesanal, maior enfoque na experimentação de diferentes materiais, e uma técnica de terapia ocupacional, ou seja, uma leitura da atividade terapêutica ocupacional.

Com esta proposta e a partir de um pensamento sem demarcações de limites há a possibilidade de elaboração de algumas associações livres de possíveis significados, que emergiram do mundo interno da pessoa para o mundo externo, através do fazer e do produto deste. Falamos em possíveis significados porque entendemos que as nossas associações livres não são verdades únicas e o significado real está naquele que excuta a atividade e em seu contexto histórico-sócio-cultural.

Para tanto, cada aula prática era composta de três etapas. Na primeira, os alunos exploravam e experimentavam livremente um determinado material (argila, linhas, lãs, palitos de sorvete, madeira, papel etc) que era apresentado a cada aula. Vivenciavam as possibilidades de técnicas que o próprio material solicitava, algumas sugeridas por nós docentes, outras trazidas pelo próprio grupo, explorando, cada um, o seu potencial criativo, muitas vezes não percebido ou negado. Nesta parte da aula não havia uma solicitação para que se ativessem a objetivos, as ações eram livres, assim como os pensamentos e reflexões.

Na segunda etapa era solicitado aos alunos que trabalhassem com o mesmo material e acrescentassem um olhar diferenciado a esse fazer: um olhar de terapeuta ocupacional. Assim, baseados em suas vivências ou fantasias sobre pessoas portadoras de necessidades

especiais, os alunos eram convidados a pensar e encontrar formas alternativas para o uso desse material e de técnicas com diversas populações e suas necessidades, colocando-se no lugar destes, adaptando a forma de fazer, ou como utilizar determinada atividade, ou produzindo algo direcionado a uma determinada população, e desta maneira sentir e perceber o que a atividade comunica. Nesta etapa, nossa conduta consistia em orientá-los verbalmente, dando condições ao criar.

Na terceira etapa eram apresentadas as atividades e, com todo o grupo, discutíamos e refletíamos sobre as duas etapas anteriores, procurando capacitar o aluno e estimulá-lo a reconhecer significados importantes da ação do indivíduo; produzidos através da comunicação verbal e/ou não verbal, aparecendo algumas vezes no processo de fazer, outras nos produtos das atividades apresentadas. Desta forma, neste momento de pausa do experimentar, do fazer a atividade, as atenções de todos eram convidadas a 'ver', perceber e ler a atividade, seu processo e seus possíveis significados.

Nós docentes acompanhávamos este fazer e as mudanças de cada um do grupo; colhendo as descobertas e as frustrações advindas do fazer, tecendo seus significados individuais e grupais.

As aulas teóricas eram estruturadas com o objetivo de fundamentar e dar suporte a tais reflexões e experiências e a todo o processo de aprendizagem que se construía a cada aula, para tanto utilizamos textos sobre criatividade em diferentes perspectivas, além de discutirmos o processo de construção de um olhar terapêutico sobre a atividade, introduzindo nossas experiências profissionais e o contexto de amadurecimento individual de cada aluno, que se encontrava no princípio de uma trama de significados, percepções, entendimento da terapia ocupacional.

## Duas Alunas

Nós alunas procurávamos inicialmente a perfeição da técnica e do produto final. Buscávamos dons, comparávamos as produções, queríamos ser artistas. Esquecíamos do ponto inicial, éramos estudantes de terapia ocupacional, que traziam pré-conceitos e cultura adquiridos no contexto histórico de cada uma.

O fato de ART I ser ministrada por duas professoras terapeutas ocupacionais, que nos conduziam a pensar, raciocinar e refletir, proporcionando uma maior percepção crítica e conhecimento próprio, talvez fez surgir no ambiente pedagógico o medo ou receio de estarmos sendo analisadas, confundindo-se com um ambiente terapêutico e bloqueando, muitas vezes, o mecanismo de aprendizagem.

No entanto, não estávamos numa terapia, pois além de não se estimular uma introspecção, as angústias, os conflitos e os sentimentos que surgiam não eram aprofundados e nem contextualizados no individual de cada um, procurando, assim, evitar invasões e exposições. Porém, tal perspectiva só pode ser entendida com um certo amadurecimento, que em alguns casos não foi encontrado durante o período desta disciplina, surgindo uma certa insatisfação.

Assim refletia-se sobre o que estávamos vivenciando com as atividades. Esses momentos objetivavam a mudança no conceito da atividade como produção plástica/artística/artesanal ou como um elemento único capaz de principiar e solucionar o processo terapêutico, como diz NASCIMENTO (1990)<sup>2</sup> “(...) uma crença no poder mágico da atividade (...) como tratamento institucional das populações desviantes” (p. 19) para um conhecimento real de sua amplitude como um importante recurso ao longo de uma relação terapêutica, que envolve terapeuta-paciente-atividade, o meio em que cada um está inserido,

o contexto individual e o desta relação.

### *Um primeiro momento: os caminhos para um produto final*

No primeiro momento havia uma hiper-valorização do produto final. O pré-conceito, trabalhado em alguns pontos das aulas teóricas, tornava-se mais evidente diante da proximidade do fazer a atividade com o trabalho artístico, valorizando-se o belo, ou seja, a beleza do produto final. Quase que inevitavelmente comparavam-se as produções, buscando a arte, o artístico, com conceitos de beleza, com padrões de bonito e feio. Os trabalhos inacabados, porém com uma possibilidade posterior de conclusão em horários livres, não possuíam o mesmo valor do que os concluídos, pois os olhares do grupo passavam rapidamente, não depreendendo todo o processo que ali estava exposto, representado, vivido. Em alguns momentos surgia uma certa frustração quando se tentava e não conseguia ser perfeito em determinada técnica. Risos e comentários acompanhavam este processo de comparação e busca do padrão estético, no entanto não era um menosprezo ao trabalho do outro, mas uma forma de reagir a estes padrões colocados e aceitos.

A atividade mesmo que numa proposta individual acontecia em um espaço grupal, em que o compartilhar, o dividir, o respeitar o espaço individual e o do outro eram questões trabalhadas e requisitadas durante o fazer, na utilização dos materiais e ferramentas fornecidos. O olhar do outro, além do próprio olhar, eram juízes de um produto final. No entanto, o que a disciplina exigia era o olhar para os processos individuais, grupais e produtos, na tentativa de ir além do construir algo, ponderando julgamentos e comparações.

Nesse processo de construção de uma metodologia de aprendizado, os momentos que conseguíamos diferenciar o nosso olhar sobre o fazer e o ocupar humano,

transpúnhamos o mesmo para as deficiências físicas, já que estas são mais visíveis e discutidas, mesmo que entremeada de preconceitos e limitações.

*Um segundo momento: a construção e 'desconstrução' de conceitos*

Alguns conflitos emergiram quando se percebeu que no processo pedagógico vivenciado em ARTI não cabia apenas a questão intelecto-teórica, mas também a experiência. Ou seja, apesar dessa disciplina conter teorias sociológicas, antropológicas, terapêuticas ocupacionais, psicológicas etc, não adiantava nos atermos somente ao valor teórico, e sim viver a atividade, o fazer. A princípio não entendíamos este objetivo, queríamos teorias, conceitos, fórmulas, tornando-se difícil valorizar este processo de vivência.

A parte prática da disciplina nos propiciava três etapas. A primeira era destinada para que explorássemos os diversos tipos de materiais, aprendendo e complementando técnicas; sendo possível a experimentação das diversas sensações que surgiam, sem nos atermos à diferenciação do olhar/refletir.

Na segunda, propunha-se a reflexão, a qual gerava um diferencial do olhar sobre o que fazíamos. Assim, era possível uma relação mais individual, em que se buscava um encontro com o EU, relacionando-o com os sentimentos e descobertas.

Na terceira, apresentavam-se as atividades, discutindo e refletindo sobre o que havia acontecido na primeira e segunda etapa. Elaborava-se assim uma síntese do sentir, do fazer e do pensar, ou seja, uma síntese da prática e da teoria, relacionando as atividades feitas à terapia ocupacional, como um recurso.

Pudemos ver, neste momento da graduação em terapia ocupacional, que eram evidenciados elementos

importantes dos aspectos do eu, do outro, da atividade; que explicitavam sempre as formas e os significados da ação dos participantes. Assim essa metodologia permitiu-nos um primeiro contato com a tríade: terapeuta-paciente-atividade, já que estava havendo um processo em potencial de construção do terapeuta, e não existindo ainda um paciente real.

O tempo foi muito curto para que todos os alunos percebessem que o amadurecimento do processo de aprendizagem seria gradual, respeitando o crescimento e desenvolvimento de cada um. Esta experiência possibilitou o entendimento da atividade como um elemento provocador de comunicação, que através do fazer traz, dentro de um processo individual, vivências internas para o exterior e para o consciente, evidenciando o potencial inato.

A avaliação final e a necessidade de se dar nota a um processo que refletiria tal crescimento, fez surgir um incômodo na relação aluno-docente, levando muitas vezes a um bloqueio na comunicação entre eles. Para nós duas, a clareza do processo pedagógico foi possível devido à realização de um estudo posterior sobre este recurso terapêutico, que se estende ao presente texto e a trabalhos apresentados em congressos, como por exemplo, no 13th World Congress of Occupational Therapists, em junho de 2002, em Estocolmo, na Suécia.

A atividade foi também um recurso teórico-prático para esclarecer o diferencial entre a Terapia Ocupacional e outras profissões, como Fisioterapia, Psicologia, Serviço Social e Pedagogia. Essa concepção de Terapia Ocupacional atinge o físico, o psicológico, o social por visualizar a totalidade do indivíduo.

#### **Nós Quatro**

As reflexões e discussões construtoras deste diálogo

possibilitaram-nos um esclarecimento e amadurecimento conceitual sobre o processo de ensino e aprendizagem de atividades na terapia ocupacional, reconhecendo falhas e aprimorando este modelo de ensino. Entendemos, portanto, a importância do reconhecimento do potencial terapêutico da atividade, da linguagem desta, da comunicação através da ação humana, da aplicação de técnicas e da leitura da atividade. Vemos neste, a constituição de um modelo necessário para a formação do terapeuta ocupacional.

Esta metodologia de ensino-aprendizagem nos remete às palavras de LOWEN (1984)<sup>1</sup>

*“O indivíduo não aprende com a cabeça, mas também com o coração e todo seu ser. O que aprende nesse sentido será verdadeiro conhecimento. O que aprende só com a cabeça é informação”.* (p.150)

Os caminhos vividos e as descobertas apresentadas nos levaram a conclusão que para saber usar a atividade de forma terapêutica é preciso experimentá-la, e tal experimentação deve estar presente na formação do terapeuta ocupacional, em disciplinas como esta, proporcionando amadurecimento gradual e construção da

identidade do terapeuta.

Este diálogo nos remete a uma analogia com os fios, ou seja, o entrelaçar de linhas, de pensamentos, de ações, de aprendizados, coloca-nos na condição de construtores de um produto, de uma discussão, que possa ser compreensível pelo outro, por tentar ser concreta naquilo que é tão abstrato como o fazer humano e o aprendizado individual na formação de profissionais terapeutas ocupacionais. Nesse processo há nós que fortalecem e dão corpo ao que se produz, há os que impedem o fluxo natural, e há ainda os que ficam marcados no trajeto do fio, mesmo após serem desatados, fazendo também parte do tecido que se forma e da história.

Em uma experiência temporal, relacionamo-nos, juntando fios iguais a fios de espessuras, comprimentos e cores diferentes, em um arcabouço de vivências, entrelaçados em um processo do eu, com interferência do outro, e vice-versa. No tecido talvez se traduza cada passo da construção, cada passo do aprendizado individual, tal como uma história, com marcas, traços, cores, próprios de um enredo, com pretensões de começo, meio e fim.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. LOWEN, A. *Prazer: uma abordagem criativa da vida*. São Paulo: Summus.1984.

2. NASCIMENTO, B.A. O mito da atividade terapêutica. *Revista de Terapia Ocupacional da USP*, v.1, n.1, p.17-21, 1990.

3. PAGANIZZI, L. *Actividad: lenguaje particular*. 1.ed. Buenos Aires, Talleres Gráficos EDIGRAF S.A. 1997.110p.

4. PAGANIZZI, L. y otros. *Terapia ocupacional: del hecho al dicho*. Buenos Aires: Psicoterapias Integradas Editores, 1991.

Recebido para publicação em: 21/03/2003

Aceito para publicação em: 08/08/2003